

R e s e n h a s

ALMEIDA, Antônio de. *Movimentos Sociais e História Popular: Santo André nos anos 70 e 80*. São Paulo, Marco Zero/CNPq 1992.

André Ryoki Inoue *

O livro é resultado da monografia realizada entre março de 1984 e julho de 1985, financiada pelo CAPES. A obra está dividida em seis partes, a saber: "Introdução", "O Contexto Urbano em Santo André: da Representação Simbólica do Poder à Realidade Concreta da População", "Sociedades Amigos de Bairro: das Amarras do Conservadorismo ao Desafio da Representatividade", "Experiência, Força e Limites do Movimento Popular", "Considerações Finais" e finalmente a Bibliografia.

Situando-se no debate teórico do conceito de "Movimento Popular Urbano", na Introdução o autor discute a polarização acerca do conceito, que surge do diálogo entre cientistas sociais e entre militantes dos mesmos. Colocando a sua contribuição, Antônio de Almeida apresenta o seu conceito de movimento popular: qualquer ação coletiva que no confronto com o capital se coloca numa posição de resistência à dominação. Segundo o autor o conceito é em si mesmo polêmico, já que ao mesmo tempo que é uma ação coletiva de contestação ao regime vigente, a sua própria organização reproduz a hierarquização burguesa. Em torno desta contradição é que o assunto será estudado. O autor afirma que os movimentos populares que pretende estudar surgem num âmbito de repressão política e portanto têm um caráter diferente dos movimentos anteriormente observados. Estes novos movimentos coletivos reivindicam melhorias imediatas na vida do cidadão marginalizado pelo sistema. O autor também deixa clara a sua concepção do que é História, com uma posição declaradamente contrária aos modelos rígidos do conhecimento. Seguindo os passos de E. P. Thompson, o autor define a sua metodologia de pesquisa, colocando o movimento popular como algo formado dentro de um processo maior, nada estanque. Alias para a definição de

* Departamento de História/USP.

movimento popular, Antônio de Almeida utiliza a conceituação que Thompson utiliza para as Classes Sociais.

No segundo capítulo, o autor destaca a contradição entre o discurso sobre a cidade de Santo André e a realidade concreta dos seus moradores. Tal discurso, é colocado pelo autor como um escamoteamento da realidade, que coloca a cidade como sendo o fruto do trabalho conjunto de trabalhadores e patrões, um trabalho harmonioso que objetiva o progresso. O discurso do *status quo* é pontuado pela simplificação da cidade, que perde a sua característica de palco das lutas de classes. O autor classifica este discurso como sendo "ideológico", entendendo ideologia como o mascaramento do real.

No terceiro capítulo, o autor trata daquele que segundo sua opinião é o mais controverso dos movimentos populares: as Sociedades Amigos de Bairro (SAB). Controverso pois aqui está, mais fortemente concretizado, o debate entre o velho e novo, aqui está acentuada a contradição entre reivindicação/contestação e reprodução do sistema. Historicizando as SABs, o autor indica as rupturas e continuidades, desde sua formação, com a industrialização de Santo André, passando pela sua desarticulação durante o arrefecimento da ditadura de 1964 até a sua rearticulação em novos moldes, a partir de meados da década de 70.

Durante todo o texto o autor se preocupa em destacar a diversidade dos movimentos populares. Neste sentido, o autor dedica um capítulo inteiro para analisar os vários movimentos populares que tiveram palco no ABCD no período. Assim, ele historiciza e articula os movimentos contra o custo de vida, os movimentos que reivindicam creches e melhoria dos transportes coletivos, e as lutas organizadas da população contra as enchentes. Seu enfoque, no entanto, não se restringe aos movimentos em si mesmos, colocados no ABCD e na conjuntura local. Tudo é colocado num processo histórico maior, qual seja, o da inserção das formas capitalistas de urbanização e reprodução da força de trabalho.

Na conclusão de seu trabalho, Antônio de Almeida retoma algumas discussões anteriores, como por exemplo a questão da contradição entre o discurso do poder e realidade concreta da população. Além disso, o autor ressalta que o desenvolvimento capitalista, na medida em que necessita criar condições para a reprodução da força de trabalho, acabou por permitir melhorias nas condições de vida da população. Sempre entendendo tais melhorias não como gratuidades ou meras determinações do sistema, mas sim como algo largamente reivindicado pela população organizada. Mesmo a institucionalização do movimento popular não retira deste o seu caráter de laboratório de prática da resistência à dominação.